



ISSN 1984-5634

DOSSIÊ

ENCHENTES, AÇUDES E A CIDADE: AS INUNDAÇÕES NA CIDADE DE SÃO RAIMUNDO NONATO, PIAUÍ, DURANTE AS GRANDES ENCHENTES DO RIO PIAUÍ (1910-2004)

Floods, dams and the city: Inundation in the city of São Raimundo Nonato, Piauí, during the great floods of the Piauí River (1910-2004)

DARLIN MILENE SOUSA OLIVEIRA¹

RESUMO

Este artigo aborda os efeitos das enchentes do Rio Piauí, um rio intermitente, sobre a cidade de São Raimundo Nonato a partir da articulação entre a memória de moradores das comunidades rurais Fechadão, Caldeirão e Lagoa Dantas com documentos escritos como jornais, relatórios técnicos da Inspetoria de Obras Contra a Seca (IOCS), dentre outros. No plano teórico-metodológico diálogo com Emily O’Gormam (2009) e Tainara Santana de Castro (2022) para pensar as enchentes como um evento que é aguardado, comemorado e que impacta o cotidiano das pessoas, com Paul Ricoeur (1994) e Halbwachs (1990) para pensar a memória como um processo de interpretação e recriação de perspectivas de futuro. Na narrativa das pessoas há uma separação entre enchentes, desejadas, e inundações, causadoras de destruição, que permeia o modo como os alagamentos da cidade de São Raimundo são vivenciados e lembrados.

PALAVRAS-CHAVE: Enchentes; inundações; São Raimundo Nonato, Piauí.

ABSTRACT

This article explore the effects of the floods of the Piauí River, an intermittent river, on the city of São Raimundo Nonato, based on the memory of residents of the rural communities of Fechadão, Caldeirão and Lagoa Dantas and written documents such as newspapers, technical reports from the Inspectorate of Works Against Drought (IOCS), among others. On a theoretical-methodological level, I dialogued with Emily O’Gormam (2009) and Tainara Santana de Castro (2022) to think about floods as an event that is awaited, commemorated and impacts people’s daily lives, with Paul Ricoeur (1994) and Halbwachs (1990) to think of memory as a process of interpretation and recreation of perspectives for the future. In people’s narratives, there is a separation between floods, which are desired, and inundations, which cause destruction, which permeates the way in which the floods in the city of São Raimundo are experienced and remembered.

KEYWORDS: Floods; inundation; São Raimundo Nonato, Piauí.

GERÊNCIA EDITORIAL:

Bruna Cristina Oliveira Pupe
Pedro Haas Zanotto

SUBMETIDO: 20/02/2025

ACEITO: 01/07/2025

COMO CITAR:

OLIVEIRA, D. M. S.
Enchentes, açudes e a cidade:
as inundações na cidade de
São Raimundo Nonato, Piauí,
durante as grandes enchentes
do Rio Piauí (1910-2004).
Aedos, Porto Alegre, v. 17, n.
40, p. 27-46, jan.–jun., 2025.

<https://seer.ufrgs.br/aedos/>

¹ Professora de História na Universidade Estadual do Piauí (UESPI), Campus Ariston Dias Lima, São Raimundo Nonato. Mestra em Sociedade, Ambiente e Território pelo Programa de Pós-Graduação em Sociedade, Ambiente e Território (UFMG/UNIMONTES). ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0001-9959-9428> E-mail: darlin.sousa17@gmail.com

INTRODUÇÃO

Enquanto escrevo esse artigo, a cidade de Picos, no estado do Piauí, enfrenta as consequências das inundações que começaram no dia 13 de janeiro de 2025 após fortes chuvas. Assim como o município de São Raimundo Nonato, Picos fica localizado no sul do estado do Piauí, região de clima semiárido, sobre a qual foi construído um vasto imaginário relacionado à seca (Campos, 2014; Silva, 2006). As enchentes, que se transformaram em inundação e alagaram a cidade de Picos, partiram de dois riachos intermitentes, geralmente conhecidos por secarem em determinada época do ano.

O fato de que estes rios e riachos, localizados principalmente em regiões de clima semiárido, fluem e possuem poderosas enchentes ainda é pouco abordado. Nesse sentido, o objetivo desse artigo é analisar os efeitos das enchentes do Rio Piauí sobre a cidade de São Raimundo Nonato, no estado do Piauí, por meio da articulação entre a memória de habitantes de três comunidades rurais do município de São Raimundo Nonato e documentos escritos. O intuito de pesquisar sobre as enchentes do Rio Piauí partiu do interesse em entender a complexidade das enchentes de rios intermitentes, e em particular do Rio Piauí, que são tão aguardadas e desejadas e ao mesmo tempo temidas quando convertidas em inundações com grande poder de destruição.

A pesquisa que deu origem a esse artigo foi realizada por meio de trabalho de campo entre os meses de janeiro a agosto de 2023, e englobou entrevistas com roteiro aberto e caminhadas pelo Rio Piauí na companhia de habitantes das comunidades. O objetivo do trabalho de campo foi compreender as percepções humanas e não humanas sobre as variações do Rio Piauí para a elaboração de minha dissertação de mestrado. A memória sobre as enchentes foi um dos temas das entrevistas e caminhadas. As perguntas a respeito deste tema focaram em entender quando ocorreram as grandes enchentes do Rio Piauí e como elas afetavam o cotidiano das comunidades.

As conversas e entrevistas revelaram uma vasta memória sobre as enchentes e seus efeitos não apenas nas comunidades, mas também na cidade de São Raimundo Nonato. As buscas que realizei nos acervos e nos documentos seguem as pistas presentes na memória das pessoas a respeito das grandes cheias do Rio Piauí e buscou identificar quando os açudes foram construídos; quais os impactos que eles provocaram no fluxo e como ocorreu o processo de ocupação do leito e das áreas inundáveis do Rio Piauí.

As fontes documentais utilizadas consistem em jornais, relatórios técnicos da Inspetoria de Obras Contra a Seca (IOCS), boletins do Departamento Nacional de Obras Contra a Seca (DNOCS) e a enciclopédia dos municípios brasileiros. Procurei relacionar as narrativas das pessoas com as informações presente nos documentos escritos, tendo como fio condutor os acontecimentos narrados nas comunidades e como eles se relacionam com o que foi documentado. As fontes escritas recobrem a cronologia que as pessoas das comunidades estabelecem com base na memória das grandes enchentes, que compreende os anos de 1910 à 2004. No entanto, minha análise a respeito dos efeitos das enchentes sobre a cidade de São Raimundo Nonato não se restringe a este momento, uma vez que os relatos orais ultrapassam esse período e se negam a ser demarcados cronologicamente.

Existe um elemento nas narrativas das pessoas destas comunidades que nos leva a lidar com os futuros possíveis: as previsões. As memórias assumem um caráter de lição e de exemplo do que pode acontecer com a cidade de São Raimundo Nonato em caso de novas enchentes. É na memória e nas

previsões que as pessoas depositam seus esforços no sentido de traçar uma distinção entre as enchentes de antigamente, a ausência de enchente de agora e a possibilidade de novas enchentes no futuro.

Enquanto a memória diz respeito as imagens que ficam gravadas em nós, e, acrescento a partir de Halbwachs (1990), nos lugares e nas coisas, as previsões são “um sinal e uma causa das coisas futuras que assim são antecipadas” (Ricoeur, 1994, p. 27). A memória não está ligada apenas ao passado. Ela é um processo de interpretação e recriação de perspectivas de futuro. Gerrit Jasper Schenk (2017), enfatiza como as experiências de desastres históricos foram transformadas em aprendizado em diferentes culturas. Nesse sentido, abro espaço no texto para as previsões, por entender que elas fazem parte das perspectivas de futuro que as pessoas projetam para a cidade de São Raimundo e para o Rio Piauí em um contexto de mudanças climáticas.

Ao abordar esse assunto a partir da memória e das experiências dessas pessoas, procuro realizar um deslocamento de perspectiva sobre as enchentes que permita, por um lado, visualizar as socialidades, relações e geração de vida suscitadas por elas e, por outro, o conjunto de fatores como a canalização e o aterramento do leito de rios, que provocam grandes inundações quando ocorrem as cheias. Com essa discussão pretendo contribuir para novas perspectivas a respeito dos debates sobre enchentes e cidades, e, especificamente no caso de rios intermitentes.

O Rio Piauí é um corpo d’água intermitente que nasce na Serra das Confusões, no município de Caracol, e desagua no rio Canindé. As comunidades Lagoa Dantas, Caldeirão e Fechadão, onde a pesquisa de campo foi realizada, estão localizadas na margem esquerda do Rio Piauí (figura 1), distantes entre 12 e 20 quilômetros da cidade de São Raimundo Nonato. Da nascente até o município de São João do Piauí o rio Piauí é um *rio seco*², a partir de São João ele se torna um rio perene³, por causa da barragem do Jenipapo. Esse corpo d’água sofre diversas mudanças ao longo do ano como consequência de sua intermitência. Durante o inverno, de dezembro à abril, quando há enchentes, ele começa a passar água corrente e permanece assim até meados de junho. A partir de julho começa a secar em alguns locais, formando os poços, locais mais fundos que permanecem com água mesmo depois que o fluxo cessa.

Nas três comunidades e na cidade de São Raimundo Nonato, as enchentes são um acontecimento que é aguardado, comemorado e que movimenta e impacta o cotidiano das pessoas. Para compreender essa dimensão das relações entre as pessoas das comunidades e as cheias, dialogo com os estudos de Tainara Santana de Castro (2022) e Emily O’Gorman (2009), que permitem pensá-las como um evento que marcam períodos de transição, trazem renovação e produzem memórias. De acordo com Tainara Santana de Castro (2022), as enchentes são vivenciadas como um evento nas comunidades rurais do semiárido piauiense porque sinalizam a transição entre a seca e o inverno; geram movimentação e comunicação entre as pessoas e estão associadas à expectativa uma boa colheita e de manutenção da vida no semiárido. Emily O’Gorman (2009), por sua vez, enfatiza a imprevisibilidade, a impetuosidade e o caráter episódico das enchentes dos rios intermitentes e efêmeros.

A vivência das enchentes como um evento também está ligada aos baixos níveis de precipitação, que contribuem para a escassez de água na região de São Raimundo e em outros municípios do semiárido piauiense. Terje Tvedt (2021), demonstra como as percepções e os usos da água são moldados por condições como a abundância e escassez, impactando no modo como as sociedades experimentam eventos extremos.

2 O itálico está sendo empregado para diferenciar as palavras e expressões que fazem parte do vocabulário das pessoas das comunidades.

3 Nas comunidades os rios intermitentes são chamados de rios secos, enquanto os rios que possuem fluxo o ano inteiro são chamados de perenes.

As enchentes trazem de volta ao leito dos *rios secos* esse líquido tão precioso no semiárido piauiense, atuando na manutenção da vida dos próprios rios, dos seres humanos e não humanos. Por isso, são motivo de comemoração, mesmo quando provocam inundações.

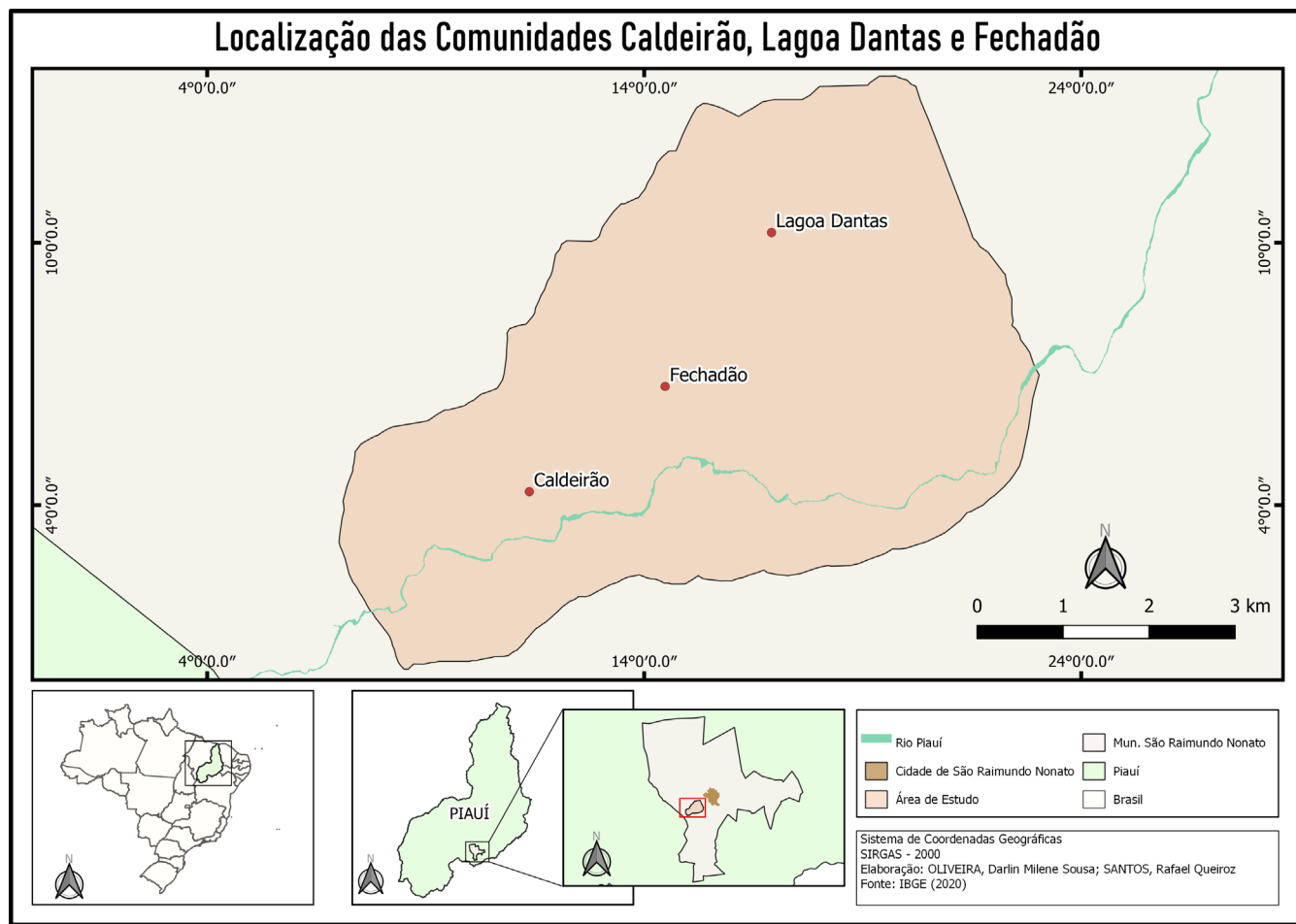


Figura 1. Área de estudo.
Fonte: Oliveira, 2024.

Na literatura corrente sobre desastres (Beiging, 2017; Espíndola e Nodari, 2015; Maia e Sedrez, 2011), o termo “enchente” é utilizado para descrever tanto as cheias dos rios quanto as grandes inundações que provocam destruição em cidades e comunidades rurais. Ao mesmo tempo, estes estudos abordam as cheias como fenômenos socioambientais, demonstrando que seus impactos não são apenas naturais, mas resultado de ações antrópicas, como a canalização e o aterro de rios. Esta concepção, possibilita refletir sobre a distinção que as pessoas das comunidades fazem entre enchente e inundação, como uma dimensão das relações esperadas para com o rio e um deslocamento do agente que provoca os alagamentos. Dentro desta perspectiva, não são as cheias que provocam os desastres, mas as ações dos seres humanos de pressão sobre os rios.

As enchentes se referem a passagem de água corrente em grande quantidade pelo leito do Rio Piauí, que passa boa parte do ano *cortado*⁴ em seções secas intercaladas com partes onde a água fica empoçada. Elas são desejadas, porque limpam o leito do rio, repondo as águas dos poços e carregando o excesso de areia, contribuindo assim para manter o rio vivo. Já as inundações são causadas pela invasão do “caminho da água” através da construção de casas e comercias no leito do rio. Elas geram medo, tensão e provocam estragos e destruição nas casas e comércios das cidades. Os principais fatores que provocam ou aumentam as chances de ocorrer inundações na cidade de São Raimundo Nonato, são a *sangria*⁵ ou rompimento de açudes, e o aterramento do leito do Rio Piauí para a construção de casas e estabelecimentos comerciais.

AS ENCHENTES COMO EVENTO

As enchentes como evento possuem características e comportamentos, do rio e das pessoas, que as definem enquanto tal: seu caráter episódico; a circulação de notícias entre as comunidades; a preparação para lidar com elas e a capacidade de reunir pessoas. O caráter episódico das cheias tem relação com o fato de que elas apresentam certa periodicidade e recorrência, mas nem sempre são previsíveis (O’Gorman, 2009; Tvedt, 2021). Elas ocorrem durante um período do ano, o inverno, e não necessariamente todos os anos. Pode acontecer intervalos de mais de um ano entre uma e outra. Isso não significa ausência de água corrente no leito do rio durante os anos secos, pois as pessoas consideram como enchente apenas aquele volume de água que é suficiente para limpar o Rio Piauí e recarregar a água dos poços.

Apesar desse caráter episódico das enchentes, as pessoas tentam prever quando elas vão acontecer. As previsões podem acontecer antes mesmo das primeiras águas passarem pelo rio, a partir da interpretação de sinais da natureza e do próprio rio, como a presença do mussambê⁶ no leito, que indica ano de cheia. Os motivos para fazer previsões são os mais variados, dentre eles as preparações para lidar com as enchentes e o desejo de ver a água correndo novamente pelo canal. A chegada das primeiras águas é um momento muito aguardado e também muito difícil de presenciar, pois é preciso estar no local no momento exato em que a água chega.

Dona Júlia, moradora da comunidade Caldeirão, conta que as pessoas só conseguiam ver a chegada da água quando estavam fazendo alguma coisa no rio ou quando precisavam atravessá-lo. Na maior parte das vezes as pessoas conseguem ver apenas o aumento do fluxo e sua transformação em enchentes, pois elas não chegam de uma vez. As águas vêm em uma *mareta* – onda – atrás da outra e vão *rendendo* conforme novas *maretas* se formam. Quando começa a chover nas cabeceiras, as pessoas já começam a estudar a possibilidade de ocorrer as cheias. À medida que as enchentes passam pelas comunidades que estão a montante, próximas das cabeceiras, as notícias começam a circular de uma comunidade para outra.

No tempo das grandes enchentes as notícias tinham como referência a *sangria* dos tanques e pequenas barragens construídas no leito do Rio Piauí e os lugares por onde a enchente já havia passado.

⁴ *Cortar*, nesse contexto, se refere a separação das águas do em poços quando o rio começa a secar em algumas seções.

⁵ Transbordamento dos açudes.

⁶ Planta natural do bioma Caatinga que tem propriedades medicinais e que cresce nas margens e dentro do Rio Piauí.

François Molle (1994), faz uma distinção entre os açudes e os tanques. Este autor (Molle, 1994) descreve o tanque como um pequeno reservatório, um buraco semelhante a um barreiro, aberto para dar de beber o gado. No entanto, na região de São Raimundo são chamamos de tanque quase todos os reservatórios de maior capacidade, com exceção das barragens. Os açudes públicos construídos pela Inspetoria de Obras contra a Seca também passaram a ser chamados de tanque, como é o caso do Açude da Aldeia que é mais conhecido como Tanque da Aldeia ou simplesmente como Tanque⁷.

O Tanque do Bonfim era uma das principais referências para saber se as enchentes chegariam nas comunidades, uma vez que as enchentes nas comunidades que estão a jusante do sangradouro estavam condicionadas, em parte, pela sua *sangria*. Outro motivo para os avisos terem como referência do Tanque do Bonfim, diz respeito aos riscos de rompimento. Caso o ele rompesse, o Açude da Aldeia, localizado logo acima da cidade de São Raimundo Nonato, não suportaria tanta água e romperia também, o que provocaria a destruição do centro.

Nas próprias comunidades, que não estão localizadas em áreas de risco de inundação, as pessoas tinham seu cotidiano afetado pelas enchentes. Em épocas de enchente era comum as pessoas que moravam nas margens opostas do rio ficarem incomunicáveis. Pegar o milho e o feijão plantado nas roças que ficavam localizadas na margem direita do rio também se tornava mais difícil, porque era necessário atravessá-lo. Uma das alternativas era colher esses gêneros antes da água chegar nas comunidades. Nesses casos os avisos eram essenciais para que as pessoas pudessem se preparar para a chegada das enchentes.

Os preparativos para lidar com as cheias envolvia também medir o aumento da água. Na comunidade Caldeirão, as pessoas enfiavam gravetos de madeira no leito do rio para saber o quanto a água tinha aumentado. Quando o graveto ficava totalmente submerso pelas águas, ele era retirado e outro graveto era colocado no local. A verificação se as águas haviam aumentado e a troca dos gravetos era realizada geralmente quando as pessoas passavam pelo riacho, seja para visitar parentes, ir nas roças ou simplesmente ver como o riacho estava.

As grandes enchentes costumavam durar de dois a três dias, depois disso a água baixava. Quando o fluxo do rio diminuía, vários locais voltavam a oferecer passagem. Ainda assim, há lugares específicos onde é mais seguro atravessar, porque são mais largos e não possuem *cachoeiras*⁸. Os melhores lugares para atravessar o rio quando ele estava cheio era no Poço Cumprido, no Fechadão, e no Poço da Olaria, no Caldeirão. Algumas pessoas se arriscavam a atravessar o rio a nado, principalmente quando eram surpreendidas pelas enchentes quando retornavam de suas roças.

Dona Luiza, conhecida como Mocinha, moradora da comunidade Caldeirão, conta que retornava da casa de um parente quando a água do rio subiu de repente e ela teve de atravessar a nado para chegar em sua casa. Em outra ocasião, ela, seu primo Agnelo e a esposa dele, voltavam de suas roças com *aiós*⁹ e bacias cheias de feijão quando se depararam com uma grande quantidade de água no rio.

7 A palavra Tanque com inicial maiúscula está sendo utilizada para se referir aos contextos em que Tanque é utilizado como parte do nome de açudes específicos, como no caso do Tanque de São Raimundo Nonato e ao Tanque do Bonfim, diferenciando-os das situações nas quais tanque quer dizer qualquer reservatório.

8 A palavra cachoeira nesse caso descrevo tanto as quedas d'água quanto as corredeiras.

9 *Aió* é uma espécie de cestaria feita com o mesmo cipó que fazem os cestos, mas diferente dos cestos são quadrados e em alguns casos possuem alças. Nas comunidades os *Aiós* foram muito utilizados para carregar diversas coisas: mandioca, milho, feijão etc.

Dona Mocinha não conseguiu atravessar com a bacia de feijão na cabeça. Por isso, Seu Agnelo precisou retornar para buscar a bacia que ela trazia na cabeça.

Atravessar o rio também poderia se transformar em diversão e em competição. Jovens rapazes costumavam apostar quem chegaria primeiro nas roças localizadas na margem direita do rio. Mas não eram todas as pessoas que sabiam nadar que se arriscavam atravessar o rio quando ele estava passando muita água. Muitas pessoas utilizavam os *cochos* para não precisar atravessar nadando. No Caldeirão um senhor chamado Raimundo construía *cochos*, uma espécie de pequeno barco, feitos de mulungu seco, uma madeira leve, para não afundar. Os *cochos* estavam interligados a uma estrutura que consistia de cordas amarradas nas árvores que havia nas duas margens do riacho e um ferro preso às duas cordas para que as pessoas se segurassem.

Estas travessias aconteciam depois das enchentes. Dificilmente as pessoas entravam no rio durante as cheias, apenas nos casos mencionados acima, quando vinham de algum local e precisavam atravessá-lo. Mesmos nesses casos, as pessoas ponderavam se era seguro ou não entrar, considerando o volume e força da água. As enchentes são um evento para se assistir a uma certa distância. Entrar no rio durante esses momentos era assumir o risco de se afogar ou se machucar. Segundo Dona Marileide, as pessoas iam a simplesmente ver a água passando.

Na época das enchentes pessoas de diferentes comunidades se reúnem para assistir esse fenômeno. Elas costumam se reunir em locais específicos do rio, geralmente onde o acesso é mais fácil. Em 1993, quando algumas barragens quebraram, Dona Marileide foi ver a cheia no Poço Curral Velho: *“umas vezes que torou barragem aí pra cima que as aguona veio, aí a gente foi ver lá no poço Curral Velho, um bocado de gente foi ver”*. *“A aguona passava aí levava era tudo, chega por dentro de mato aquele tanto de água, chega a aguona ia passando, ia passando aí, é bonito”*.

No Fechadão, os lugares onde as pessoas se reúnem com mais frequência para assistir a água passando pelo rio é nos poços Banguê e Gangorra. Já na comunidade Caldeirão, as reuniões para assistir as enchentes ocorrem na Cachoeira¹⁰ e no Caldeirão Velho. Dona Júlia conta que quando as pessoas escutavam o barulho da água caindo na Cachoeira corriam para o rio para ver a água descendo nas pedras: *“aí escutava aquela zuada: oh o riacho tá botando água, que tá zuando”*. *“Aí o povo corria para ir olhar, era o entretenimento do povo tudo”*.

As enchentes exercem um certo fascínio sobre as pessoas. Elas são admiradas por sua beleza, temidas por sua violência e tem sua chegada comemorada nas comunidades. Parte desse fascínio tem relação com seu caráter episódico, principalmente para visitantes e turistas, que não conhecem as dinâmicas do rio, e por isso se surpreendem ao ver um leito seco enchendo de água. Mas, para as pessoas das comunidades, as enchentes são desejadas e comemoradas porque elas desempenham um papel vital para o Rio Piauí. Elas são essenciais para manter o equilíbrio entre a areia, que protege as águas subsuperficiais que ficam contidas debaixo da areia, mesmo após a superfície do leito do rio secar, e a água, que recarrega os poços, importantes refúgios para a biota do rio e para os animais de criação¹¹ (Oliveira, 2024).

10 As palavras Banguê, Gangorra e Cachoeira começam com letra maiúscula porque indicam nomes de lugares, nesse caso de poços dentro do rio.

11 Os animais de criação são as cabras, os porcos e o gado que são criados soltos.

As enchentes fazem parte de uma dinâmica de geração de vida do Rio Piauí, dentro da qual elas contribuem para a manutenção da vida do rio, ao limpá-lo e recarrega-lo. A limpeza evita o assoreamento e o entupimento do canal pelo excesso de sedimentos. Assim, a força e a violência das cheias, por mais perigos que apresentem, fazem parte do processo de renovação (Oliveira, 2024).

AS ENCHENTES E A CIDADE DE SÃO RAIMUNDO NONATO

As histórias das grandes enchentes narradas pelas pessoas das comunidades se confundem com a história das inundações da cidade de São Raimundo Nonato. São Raimundo Nonato foi elevado a freguesia e a distrito eclesiástico pelo decreto de 6 de julho de 1832, tendo como sede o lugar “Confusões”. No entanto, em 1836 a freguesia foi transferida para o lugar “Jenipapo” pela lei provincial n. 35. De acordo com Ferreira (1959), os primeiros habitantes construíram suas casas na confluência do riacho Vereda com o Rio Piauí. Nesse local haviam terras de aluvião, formadas por sedimentos depositados pelo rio e pelo riacho, que por sua fertilidade favoreciam a agricultura e a pastagens dos animais. Além disso, havia um lençol subterrâneo muito próximo de onde as casas foram estabelecidas.

Em 1850, São Raimundo Nonato foi elevada à vila, constituída por “quarenta casas, uma capela de taipa, um cemitério e alguns chiqueiros e roças” (Viana, 2018, p. 27). Na segunda metade do século XIX, a vila era bastante pequena e pouco povoada. As pessoas continuaram a construir suas casas e roças na mesma confluência, provavelmente por causa da disponibilidade de água e da fertilidade do solo. No entanto, o que fazia desse local um terreno fértil era justamente o fato de ser uma área inundável pelas enchentes do Rio Piauí. Segundo Ferreira (1959, p. 614), “além de muito úmido, o solo é cercado de águas estagnadas durante o inverno e sujeito a inundações nas grandes enchentes do Piauí, a sua direita, e do Vereda à sua esquerda. E assim é que, por mais de uma vez, o local tem sido vítima de inundações”.

É provável que Ferreira (1959) se referisse às lagoas que existiam na vila e que foram aterradas no século XX ao mencionar as águas estagnadas. Na planície de inundação do Rio Piauí e do riacho Vereda, onde a vila foi estabelecida, se formava uma várzea, com grandes lagoas que enchiam durante o inverno. Nota-se, a partir da descrição de Ferreira (1959), que durante o inverno a vila ficava cercada pelas águas das lagoas, mas inundações só ocorriam em épocas de grandes enchentes. Os intervalos entre uma grande cheia e outra, podiam ser bastante longos. As pessoas já chegaram a descrever intervalos de dez anos. Nesse sentido, durante os invernos *fracos*, quando as cheias eram menores ou não ocorriam, os habitantes da vila lidavam com pequenos alagamentos, provocados pelas cheias das lagoas e do rio.

Entre agosto e dezembro, o Rio Piauí e o riacho Vereda existiam como riachos *cortados* em poços e seções de leito arenoso. Durante esse período, uma das maiores preocupações dos habitantes da vila era outra: a falta d'água. Os poços naturais e as cacimbas abertas no leito seco desses cursos fluviais eram as fontes de água para os animais e para as pessoas. As inundações poderiam parecer uma realidade distante. No entanto, nos invernos de chuvas intensas, o Rio Piauí e o riacho Vereda se transformavam em poderosos rios, que ao se encontrarem com as lagoas arrasavam com a vila. De acordo com Blyton (2014), as comunidades que vivem próximas a rios intermitentes podem desenvolver uma falsa sensação de segurança durante os períodos de seca, o que aumenta sua vulnerabilidade quando ocorrem as cheias.

Terje Tvedt (2021), evidencia a necessidade de entender melhor a variabilidade do clima e das águas. Isto é ainda mais essencial em regiões onde os rios são intermitentes e as enchentes são imprevisíveis.

Os habitantes da vila enfrentavam um duplo problema: a falta d'água no período da seca e as inundações e alagamentos durante o inverno. Ainda assim, as enchentes eram necessárias e mesmo essenciais para trazer água ao rio, que se tornavam ainda mais vitais em anos de secas prolongadas. Em 1861, um ofício da Câmara Municipal de São Raimundo se referia ao Rio Piauí como “secco, arenoso no estio, bondoso de enchentes no inverno” (Piauí, 1861, p. 1). Está aí estabelecida os dois extremos do Rio Piauí – seco e cheio – com os quais as pessoas da vila precisavam conviver, em um contexto no qual as formas de criar/gerar e manter a água assume uma posição central (Leal *et. al.*, 2023).

Se as inundações se transformavam em um problema social ou em situação de calamidade com a ocupação das áreas de várzeas, as enchentes significavam abundância de água. As relações das pessoas com as cheias expressavam uma contradição. Ao mesmo tempo em que elas eram consideradas benéficas para o rio e para a vila, sua ocorrência deflagrava a inadequação do local escolhido para erguer a povoação, com a água reivindicando novamente os espaços ocupados por casas e roças.

No início do século XX com a elevação da vila à cidade em 1912, começava a se constituir um núcleo urbano, que permaneceu, e ainda permanece, em certa medida, com características bastante rurais, mas que possui um dos aspectos mais problemáticos das zonas urbanas: erguer as cidades em cima de seus rios (Maia e Sedrez, 2011). A área das primeiras habitações próximas a confluência do Rio Piauí com o riacho Veredas, continuou como a parte central após a elevação da vila à categoria de cidade. Partindo desse ponto, as ocupações seguiram a margem do rio em direção ao bairro Aldeia, com construções cada vez mais próximas do leito do rio.



Figura 2. Rua Professor João Menezes tomada pela água, 2004.
Fonte: Histórias de SRN, 2023.

Segundo Seu Evangelista, no encontro das ruas Jaime Teixeira e Professor João Menezes, próximo onde hoje funciona uma agência do Banco Brasil, o rio formava uma perna que jogava água para dentro das lagoas que havia no centro. Essa parte foi aterrada para a construção de casas, comércios e ruas. Em meados dos anos 1980, a Lagoa do Gaspar e suas áreas adjacentes foram aterradas. A lagoa tinha esse nome porque, na gestão de Gaspar Dias Ferreira, prefeito de São Raimundo entre as décadas de 60 e 90, parte do lixo da cidade era jogado dentro desse corpo d'água. A área da lagoa englobava desde proximidades de onde hoje está localizado o supermercado Pikenó até os arredores da Universidade Estadual do Piauí. Neste local foram construídos principalmente estabelecimentos comerciais.

AS GRANDES ENCHENTES E OS AÇUDES

As grandes enchentes se referem àquelas com maior volume de água que já ocorreram. A enchente mais antiga, segundo a memória das pessoas das comunidades, foi a de 1910. A história dessa cheia chegou até Seu Evangelista através de seu avô:

Meu vô disse que quando foi nos anos de 1910 deu uma enchente muito grande sobre o Rio Piauí, a parede (do açude) acabou rompendo. Rompeu pelo sangrador. Meu avô disse que ali de onde hoje é o Bando do Nordeste, começando dali da passagem molhada, que vai para o outro lado, dali pra lá você olhava e só via água. A Igreja lá embaixo, aí vinha outro aguaceiro de lá de cima da Serra, passando por onde hoje tem aquela parede do bairro, Santa Luzia. Aí virou, que ali é uma confluência dos dois (riachos) lá embaixo depois da Igreja. A Igreja só ficou com as torres de fora, a matriz.

Este episódio de inundação da vila de São Raimundo Nonato foi noticiado no jornal oficial do estado, o *Diário do Piauí*. Em 1911, foram publicados nesse jornal diversos avisos e correspondências a respeito da situação da vila e com pedidos de auxílio para as famílias desabrigadas. A primeira mensagem descrevia os estragos causados pelo rompimento dos açudes:

Em consequência do arrombamento de varios açudes construidos no riacho *Piauí*, no dia 26 de dezembro último, soffreu esta villa uma assombrosa inundação, que, até o dia seguinte, trouxe o espirito público possuído de verdadeiro pânico, alarmado e apprehensivo. A' uma hora da tarde daquelle dia começaram a crescer consideravelmente as águas do alludido riacho e alguns momentos mais tarde se achava completamente banhada a *Rua d'Aurora*, a principal da localidade, dando ensejo à retirada precipitada dos habitantes. Crescendo com uma rapidez espantosa e espraçando-se pelas demais ruas, em pequeno espaço de tempo as águas represadas no perímetro da villa invadiram completamente as casas, apenas com a excepção de algumas do *Largo da Matriz* e dos logares mais elevados. Enormes foram os prejuizos materiais soffridos pelos proprietários. (*Diário do Piauí*: Órgão Oficial dos Poderes do Estado, 8 de março de 1911, p. 01).

A enchente de 1910 deixou a vila de São Raimundo em situação de calamidade. A maior parte das casas foram destruídas, deixando diversas famílias sem ter onde morar. Ferreira (1959), descreve a enchente de 1910 da seguinte maneira:

Em 1910, [...] ambos (Rio Piauí e riacho Veredas), [...] levaram em suas torrentes cerca de quarta parte das casas e ocasionaram desabamentos e estragos em quase todas as ruas, onde, em canoas improvisadas, por uma noite escura e tempestuosa, andavam pessoas transportando mercadorias e até famílias para as partes mais altas que não tinham sido atingidas pelas águas (Ferreira, 1959, p. 614).

Os recursos para reparar moradias e para comprar alimentos, chegaram na vila de São Raimundo Nonato dois meses depois do desastre, pois o repasse crédito especial criado para custear a despesas com os socorros públicos da vila atrasou (Diário do Piauí: Órgão Oficial dos Poderes do Estado, 1911). Enquanto isso, as populações atingidas dependiam do auxílio de seus familiares e de conhecidos. A situação era bastante crítica, pois as medidas para lidar com os efeitos das enchentes eram emergenciais, e consistiam essencialmente em distribuir alimentos e encontrar abrigo para aqueles que haviam perdido suas casas.

O rompimento de vários açudes durante a enchente de 1910 em conjunto com a ocupação das áreas de inundação do Rio Piauí e do riacho Veredas ampliou o poder de destruição das inundações e deixou a vila, que já sofria com as inundações desde o século XIX, arrasada. Em 1910, a Inspetoria de Obras Contra a Seca (IOCS)¹² ainda não havia começado os trabalhos de construção dos açudes públicos no município de São Raimundo, apenas realizado alguns estudos. Os reservatórios aos quais a correspondência publicada no Diário do Piauí se refere são reservatórios construídos anteriormente pelas pessoas de diversas localidades.

O antigo Açude da Aldeia, que rompeu em 1910, foi construído entre os anos de 1886 e 1888, depois de muitos problemas e atrasos nas obras relacionadas a conflitos políticos entre os principais chefes locais da época, José Antunes Piauílino de Macêdo e Modesto Vaz da Costa. Segundo o relatório de 1912, existia uma barragem velha no local onde o açude iria ser construído. A argila da antiga barragem foi utilizada na construção do novo reservatório¹³. A obra do Açude da Aldeia começou em agosto de 1911 e terminou no dia 31 de outubro de 1913. Ele foi construído a 1500 metros da vila de São Raimundo com a capacidade de 7.235.250 metros cúbicos.

De acordo com o relatório da IOCS, o principal objetivo da barragem era auxiliar a pecuária, abastecer a população local e as tropas que passavam ou que saíam da vila de São Raimundo para os portos do rio São Francisco. Neste período, o município de São Raimundo Nonato era descrito como uma das regiões mais flageladas pela seca no Piauí. Do final do século XIX para o início do século XX, a seca e seus efeitos foram encarados como um problema natural que poderia ser combatido por meio de obras hidráulicas (Campos, 2014; Silva 2006). Nesse contexto, os açudes figuravam como a redenção para esses sertões semiáridos, tanto no que diz respeito às crises econômico-sociais que se abatiam sobre essa região quando o período da seca se prolongava, quanto ao desenvolvimento econômico.

A açudagem foi uma das políticas de combate à seca que se consolidou efetivamente com a atuação da Inspetoria de Obras contra a Seca no início do século XX. Durante este período, a IOCS construiu diversos açudes em São Raimundo, além do Açude da Aldeia. O Bonfim foi o segundo maior reservatório construído no Rio Piauí a montante das três comunidades, com a capacidade de 3.821.250 metros cúbicos. Ele foi construído em um local estratégico, que era ponto de passagem para os povoados de Conceição, Lages, Jurema e Caracol (Relatório do Ministério de Viação e Obras Públicas, 1912). As obras se iniciaram em 23 de março de 1913 e foram finalizadas em 10 de janeiro de 1914.

¹² A Inspetoria de Obras contra a Seca foi criada em 1909 com o intuito de realizar estudos, colher dados topográficos, geográficos e meteorológicos em regiões de clima semiárido e a partir destes estudos realizar obras de mitigação dos efeitos da seca, como os açudes e a perfuração de poços. Em 1919 a Inspetoria de Obras contra a Seca passou a se chamar de Inspetoria Federal de Obras contra a Seca – IFCOS e em 1945 passou a se chamar Departamento Nacional de Obras contra a Seca.

¹³ Esta documentação, em conjunto com os arquivos da Câmara Municipal de São Raimundo Nonato, confirma que existiu um açude Aldeia anterior a atuação do IOCS, o que antes não era possível por falta de informações.

A Inspetoria de Obras contra a Seca também mandou construir mais dois reservatórios de menor capacidade: os açudes do Caracol e da Jurema, localizados nas povoações de mesmo nome, a montante das comunidades. A barragem do Caracol possui a capacidade de 584.986 metros cúbicos e sua construção teve início em 11 de junho de 1913 e foi finalizada em 30 de dezembro do mesmo ano (Relatório do Ministério de Viação e Obras Públicas, 1913). Em 1912, Tanque da Jurema se encontrava em projeto. Um incêndio que atingiu o escritório da primeira seção da IFOCS destruiu os materiais de campo e o projeto em dezembro de 1911, por isso a inspetoria estudava em 1912 a possibilidade de realizar novos estudos.

Durante suas pesquisas, a inspetoria de Obras Contra a Seca atribuiu o rompimento dos açudes construídos anteriormente à ausência de preparo técnico das pessoas envolvidas nestas obras. No entanto, ao longo do período das grandes enchentes, após a construção dos reservatórios públicos pela Inspetoria, os rompimentos continuaram a ocorrer. Mesmo quando os tanques não rompiam, as pessoas ainda tinham que lidar com esta possibilidade e com os alagamentos no centro da cidade de São Raimundo Nonato.

De acordo com François Molle (1994), no início do século XX ainda havia pouco conhecimento sobre as precipitações e sobre os regimes hidrológicos dos rios onde os açudes eram construídos. Segundo este autor (Molle, 1994), havia uma tendência em subestimar a pluviometria das regiões estudadas. Dentro de uma política de combate à seca, na qual a atuação do Estado estava envolta pela ideia dos sertões secos e esturricados, era difícil para os técnicos conceber que nessa região seca caíam chuvas capazes de destruir um açude construído com o devido preparo técnico e estudo.

Assim, os problemas ocasionados pelas inundações das cidades, vilas e pequenos povoados bem como os riscos que os rompimentos dos açudes poderiam acrescentar em um contexto desse tipo seguiram em segundo plano ou até mesmo foram ignorados. Em decorrência disso, em invernos com chuvas acima da média, quando ocorriam grandes e violentas enchentes nos rios intermitentes, os açudes públicos corriam sérios riscos de arrebentar, como aconteceu com o Açude da Aldeia em 1926.

Os técnicos da Inspetoria de Obras Contra a Seca, tentavam diminuir os riscos de arrombamento e armazenar o máximo de água possível aumentando o tamanho dos açudes. Isto ocorreu na construção do Açude da Aldeia, que havia sido projetado com a capacidade de 4.737.000 metros cúbicos. Mas com a diminuição da largura do sangradouro de 60 para 40 metros, foi necessário aumentar a capacidade para 7.240.000 metros cúbicos. O relatório do ministério da viação e obras públicas de 1913, informou que durante construção do sangradouro “grande volume de terra, foi esta atirada a jusante da barragem, resultando disso não só aumentar-lhe a espessura, como elevá-la de 1,30 m além da altura projetada de 9,00 m” (Relatório do Ministério de Viação e Obras Públicas, 1913, p. 3-4).

François Molle (1994), também chamou atenção para o perigo dos sangradores muito estreitos, comuns nesta fase da atuação da Inspetoria de Obras Contra a Seca. Neste sentido, a diminuição da largura do Sangradouro pode ter deixado o Açude da Aldeia mais vulnerável à arrombamentos. Seu Evangelista conta que em 1915 ocorreu uma enchente que arrombou as pequenas barragens da Jurema e do Sítio e ameaçou romper o Tanque de São Raimundo, como o Açude da Aldeia é chamado.

Quando a enchente era potencializada ou ocasionada pelo rompimento de algum açude ou barragem, ela durava menos. Contudo, vinha com mais violência, levando tudo que estivesse pela frente.

Por isso, poderia causar sérias destruições na cidade de São Raimundo Nonato, já suscetível a inundações. Em 1926 o Tanque arrebentou e causou uma grande inundação. Após 1926 houve longos períodos de seca s. Outra grande enchente veio a acontecer muitos anos depois, em 1964. Ela é considerada a maior e inaugura o período de enchentes terminadas em quatro. As pessoas das comunidades perceberam que a partir de 1964, os anos terminados em quatro foram anos de boas cheias: 1974, 1994, 2004.

Segundo Seu Evangelista, durante a enchente de 1964, a água do rio chegou até a ladeira¹⁴ da estrada que vai do Fechadão para a Lagoa do Né. Seu Hipólito conta que foi uma enchente *terrível*¹⁵, que durou 60 dias. Vários animais morreram afogados quando foram beber água no rio e atolados nas veredas. As veredas, que são formadas de águas de altos são mais rasas e a correnteza é mais calma do que as veredas que são pernas de riachos, que tendem a ser mais fundas e ter a correnteza mais forte. Na época do inverno, quando elas estão passando água, grandes faixas de terras que ficam a suas margens são alagadas e a água se infiltra nas areias, que existem em abundância nas veredas, formando atoleiros, local que afunda, ou seja, cede quando os animais pisam, por isso eles ficam presos. Os altos são locais mais altos na paisagem.

Em 1974, ocorreu outra grande enchente. Seu Agnelo conta que neste ano, as águas do rio chegaram bem perto da casa onde seu tio Dilson morava, que fica na margem direita. Dilson colocou um marco de madeira para identificar até onde a água tinha chegado. Esta enchente ameaçou arrebentar o Açude da Aldeia novamente e colocou a cidade de São Raimundo Nonato em alerta. Seu Evangelista presenciou a tensão que rondava as pessoas enquanto ele ia para a escola:

Aí o nós chegamos lá pra entrar em aula 7 horas da manhã, a cidade tava todinha (inundada). Nós já saímos daqui vendo a água aí só subindo, só subindo. Digo vai quebrar o Tanque. A parede do Tanque não vai aguentar não. Quando nós chegamos lá o DNOCS só andando de barco no meio da, nas margens da parede ali, por dentro, vendo se tava correndo risco e acalmando o povo. Disse calma gente não vai... (arrebentar) e a água lá só subindo, que lá no sangrador tem uma escala lá, na parede assim, dizendo os metros de água. Aí chegou a ficar com 40 metros, assim, encostando na parede e o pessoal com a mão na cabeça: “vai acabar com tudo”.

O grande temor das pessoas durante essa enchente era que se repetisse os trágicos acontecimentos da enchente de 1910, pois se o Tanque rompesse poderia destruir totalmente boa parte do centro. Nesta época, o Departamento Nacional de Obras tinha uma base na cidade de São Raimundo Nonato responsável por fiscalizar os açudes do Rio Piauí. Diante da ameaça de rompimento os técnicos do DNOCS foram inspecionar o açude e tentar acalmar a população. No entanto, eles sabiam que havia chances reais da parede quebrar se a água continuasse a subir. Mas a água baixou e o Tanque não arrebentou.

A última grande enchente, de acordo com as pessoas das comunidades, foi em 2004. As grandes enchentes do Rio Piauí foram vivenciadas com um duplo sentimento: o de medo e o de alegria em ver o rio passando água novamente. Ao mesmo tempo em que os alagamentos no centro eram temidos, as cheias eram esperadas, para limpar o Rio Piauí. Tanto os habitantes da cidade, quanto as populações das comunidades, separam as enchentes, altamente desejadas, das inundações, extremamente negativas e perigosas. Esta separação faz com que as pessoas aguardem e anseiem pelas enchentes, mesmo sabendo dos riscos para São Raimundo Nonato.

¹⁴ Parte mais alta de uma estrada, inclinação que o terreno sofre.

¹⁵ Enchente forte, violenta.

Hidrologicamente, a diferença entre enchente e inundações é definida da seguinte maneira: a enchente é o aumento do volume de água que a calha principal de um rio é capaz de suportar, enquanto a inundação se refere ao transbordamento para além do curso principal (Koene, 2013). A distinção realizada pelas pessoas dessas comunidades diverge desta definição hidrológica, assumindo contornos próprios.

A diferença entre enchente e inundação tem uma base moral, a partir da qual as primeiras são concebidas como a renovação das águas do Rio Piauí, enquanto as segundas são interpretadas como o resultado das ações humanas, de gente que constrói dentro do rio; portanto, não são causadas pelas enchentes. Esta distinção provoca uma separação deste fenômeno, frequentemente descrito como um desastre ou calamidade socioambiental (Espíndola e Nodari, 2015), em duas categorias distintas partir do tipo de relação e de perspectiva que se estabelece com os rios: de convivência ou de sufocamento. Nesse sentido, essa diferença pode contribuir para ampliar a noção de enchente e dos desastres socioambientais.

PREVISÕES

Nas palavras das pessoas das comunidades, os açudes representaram um grande avanço quando foram construídos, pois permitiam armazenar uma quantidade significativa de água em um local que sofre com a falta desta. No entanto, os riscos de rompimento e o crescente avanço da cidade sobre o leito do Rio Piauí, transformaram os açudes em uma ameaça para São Raimundo Nonato em épocas de grandes enchentes. A *sangria* do Tanque gerava um verdadeiro estado de comoção. Alguns dos moradores que viviam bem próximo ao leito do rio precisavam alugar casas nos bairros localizados em terrenos mais altos durante todo o período das enchentes, porque tinham suas residências alagadas e porque temiam que suas vidas poderiam ser levadas junto com suas residências se o rompimento se concretizasse.

Se durante invernos muito chuvosos, os açudes potencializavam ainda mais os efeitos das enchentes, durante os vinte anos em que os níveis pluviométricos tem diminuído, a presença dos desses reservatórios tornou mais difícil a ocorrência das cheias. Para que o rio volte a correr em São Raimundo, por exemplo, é preciso que o Tanque *sangre* e, para isso acontecer, seria preciso um volume pluviométrico muito superior aos níveis de chuvas que tem sido registrado durante esse período. Enquanto isso, a cidade continuou crescendo sobre o rio, de modo que atualmente a maior parte dos estabelecimentos comerciais estão localizadas nas áreas de preservação permanente do Rio Piauí.

Em 2018 foi aprovado o plano diretor da cidade de São Raimundo, que regulamenta o desenvolvimento urbano e rural do município. No entanto, o plano não está sendo aplicado no que diz respeito a regulação do crescimento das áreas urbanas e da preservação dos corpos d'água. No artigo 96 do Plano Diretor de São Raimundo Nonato, que regulamenta a Zona de Equilíbrio Urbano-Ambiental, fica estabelecido que as áreas das margens do Rio Piauí podem ser ocupadas apenas por residências, e fica proibido a ocupação de novas áreas e o acréscimo de construção. Contudo, estas medidas não estão sendo cumpridas.

Um ano após a aprovação do plano diretor, em 2019, teve início a construção do Posto Estação, de propriedade de Antônio Nunes Cavalcanti. Apesar das denúncias contra essa obra, em decorrência da

grande proximidade do leito rio, a obra foi aprovada pela Secretaria de Meio Ambiente de São Raimundo (Arrais, 2019). A Secretaria alegou com base na lei n. 12.651/2012, que a distância da obra em relação ao leito do Rio Piauí estava dentro da distância mínima exigida para rios que possuem a calha regular inferior a 10 metros, que nesse caso é 30 metros de distância. Cabe ressaltar que lei n. 12.651/2012, que regulamenta a proteção da vegetação, das áreas de preservação permanente – APP e as áreas de reserva legal, desconsidera totalmente as especificidades dos rios intermitentes.

Outro problema da lei n. 12.651/2012 é que ela exclui de sua proteção os corpos d'água efêmeros, aqueles que apresentam fluxo apenas durante os períodos de chuva. Em um Estado como o Piauí, que possui muitos rios e riachos desse tipo, é essencial que eles sejam protegidos por lei. Até porque, eles são responsáveis por levar água para outros rios intermitentes. Na maior parte dos casos é bastante difícil distinguir entre intermitência e efemeridade, de modo que até mesmo riachos intermitentes podem ser tomados como efêmeros e, assim, ficarem de fora da proteção estabelecida pela lei.

Os rios intermitentes são altamente variáveis e dinâmicos (Blythton, 2014; Leigh *et al*, 2016). O leito de um rio intermitente passa por diversas mudanças ao longo tempo, podendo se expandir durante as enchentes e diminuir quando está seco. Para além de suas variações naturais, eles estão mais vulneráveis às mudanças climáticas, que podem provocar a diminuição das enchentes, intensificando o assoreamento, e às ações localizadas, como aterramento do leito quando este está seco. Esse conjunto de fatores pode diminuir a calha regular desses rios, de modo que parte do próprio leito do rio pode ser considerado como área de entorno a depender do período em que as medições forem realizadas e da existência de interferências, como aterramentos.

Ao eleger a borda da calha principal como parâmetro para medir as áreas de preservação permanente de rios perenes e intermitentes, a lei não leva esses fatores em consideração. Foi essa “brecha” que permitiu aprovar a construção do Posto Estação, pois parte do que deveria ser a área de preservação e do próprio leito do Rio Piauí foram suprimidas pelos aterros realizados para a construção dos estabelecimentos comerciais que existem em suas margens. Dentro desse contexto, as partes que ainda não foram aterradas passam a ser consideradas como área de preservação permanente, quando na verdade fazem parte do próprio leito do rio. Além disso, as áreas inundáveis durante as enchentes, tomadas pelos comércios e casas, já são por si só superiores à distância de 30 metros estabelecidas pela lei.

Assim, um conjunto de fatores possibilita e facilita a invasão do leito do Rio Piauí no centro da cidade por estabelecimentos comerciais: a ocupação e permanência na planície de inundação do rio, a falta de fiscalização e proibição de novas construções nas áreas de preservação permanente e a pouca atenção dada aos rios intermitentes nas legislações ambientais. É nesse contexto de pressão que a cidade exerce sobre o rio, que as pessoas das comunidades fazem suas previsões sobre os possíveis futuros do Rio Piauí e da cidade de São Raimundo Nonato. Os futuros anunciados como possibilidade nas narrativas das comunidades são: a morte do Rio Piauí, caso a diminuição das chuvas e decorrente falta de enchentes se intensifique, ou a destruição de São Raimundo pelas inundações, em caso de uma grande enchente ocorrer.

As previsões são feitas com base na memória e no conhecimento que essas pessoas possuem sobre as dinâmicas do Rio Piauí e da cidade. A vivência e experiências dessas pessoas indicam que as grandes enchentes ocorrem depois de longos anos secos, períodos de prolongamento da seca ou de invernos com poucas chuvas, nos quais ocorrem cheias de menor volume. A partir dessas experiências, as pessoas

tem a esperança de ver o Rio Piauí passando água novamente. Por outro lado, há a possibilidade de o rio morrer, uma vez que ele está ficando mais seco a cada ano que passa em decorrência das mudanças climáticas, vivenciadas nas comunidades como uma mudança na natureza.

Na perspectiva das pessoas das comunidades, a natureza está em constante transmutação. No entanto, a mudança na natureza é experienciada como uma ruptura no modo como as transformações normalmente ocorrem, com a alteração nas variações dos rios e riachos – diminuição do fluxo de água durante o inverno e aumento do período em que eles secam, instabilidade no regime das chuvas e morte de árvores. As pessoas associam os acontecimentos locais com eventos extremos de chuva e de seca que estão ocorrendo no Brasil e em outros países para tentar entender quais são as perspectivas de futuro para o Rio Piauí diante desse contexto.

Apesar da crescente intensificação do período em que o Rio Piauí seca, as pessoas das comunidades acreditam que presumir que não haverá mais enchentes é uma forma de subestimar a força natureza e a ação de Deus. Essa questão gera todo um debate moral a respeito das atitudes dos habitantes da cidade em relação ao rio e à natureza e do que essas representam em termos de futuro. Duas são as preocupações a esse respeito: a presença dos açudes e o aterramento do rio.

Do final do século XX para o início do século XXI, quando o Tanque deixou de ser utilizado para o abastecimento da cidade, o município e órgãos federais, como o DNOCS, deixaram de fiscalizá-lo e conservá-lo. A realidade dos outros açudes, do Bonfim, do Caracol e da Jurema, não é muito diferente. Com a diminuição das enchentes e ausência de conservação, os sedimentos se acumularam dentro desses reservatórios, reduzindo a capacidade de armazenamento. O assoreamento do Tanque é entendido como uma situação de descaso público e de descuido não apenas com a cidade, mas com as relações e memórias afetivas que vários de seus habitantes possuem com o açude.

A ocupação dos caminhos por onde a água passa é lida sob essa mesma perspectiva. Os caminhos das águas devem ser cuidados e respeitados; eles precisam estar livres para elas poderem correr. Quando as pessoas tomam com construções o lugar do rio passar, isto pode trazer sérias consequências por não respeitarem o caminho da água. Nesse cenário de descaso e ausência de fiscalização dos açudes em conjunto com a ocupação de partes do leito do rio, os açudes são entendidos como uma *armadilha* montada pelo poder público e por aqueles que constroem dentro do rio, pois assoreados e sem fiscalização, eles possuem mais chance de romper se houver outra grande enchente.

Por isso, a destruição do centro de São Raimundo pelas inundações está sempre no futuro, passível de acontecer. Ao mesmo tempo em que as pessoas desejam que ocorram grandes enchentes para limpar o rio repor a água dos poços, repor e limpar as areias, elas se preocupam com o que pode acontecer com a cidade diante das transformações pelas quais o rio e os açudes passaram ao longo dos anos.

Dessa forma, as diferentes possibilidades de futuro que surgem com a cidade avançando sobre o rio, possuem uma forte dimensão moral. Para elas, manter o leito do rio livre, ou seja, não construir casas ou obstáculos que bloqueiem a passagem da água, é visto como um ato de fé em Deus. Como parte dessa fé, acreditam que um dia Deus enviará chuvas suficientes para encher os reservatórios e limpar o rio. Quando as pessoas constroem suas casas dentro da área do rio, elas parecem ignorar que o rio pode voltar a transbordar. Ignorar essa possibilidade é considerado por essas pessoas como uma falta de fé. Nesse contexto, as futuras inundações são interpretadas como uma punição divina pela falta de fé e pelo desrespeito ao rio.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse artigo buscou trazer novas perspectivas sobre as relações entre enchentes de rios intermitentes e as cidades ao abordar os efeitos das enchentes do Rio Piauí na cidade de São Raimundo Nonato. Durante o século XX, as políticas estatais direcionadas à parte do norte, posteriormente chamado de Nordeste, se concentraram em superar a suposta deficiência de rios intermitentes, como o Rio Piauí, a partir da perenização por meio da construção de açudes. A falta d'água e a seca foram, e ainda são, em certa medida, a característica mais marcante dessa região onde os cursos fluviais “desaparecem” nas épocas de estio, fazendo com que as enchentes dos rios intermitentes ficassem em segundo plano. No entanto, quando o rio transborda com as fortes chuvas, as inundações ocasionadas pela ocupação dos caminhos da água se transformavam em um problema grave.

Assim como no caso dos problemas socioeconômicos vivenciados em períodos de seca, os problemas desencadeados em épocas de enchentes foram tratados a partir de medidas emergenciais durante o século XIX e século XX. Não havia uma política de prevenção contra inundações. Nesse contexto, os açudes, construídos para melhorar as condições de vida dos habitantes, trouxeram consigo um outro problema: os rompimentos e a *sangria*, deixando a cidade, que já era suscetível a inundações, ainda mais vulnerável durante as épocas de enchente. Apesar de ocorrerem desde o período das primeiras habitações, a presença dos açudes potencializou o poder de destruição das inundações.

Os alagamentos que ocorrem no centro da cidade são um problema histórico. A recorrência de alagamentos e risco de inundações durante o período do inverno são resultado do processo de ocupação e de urbanização de São Raimundo Nonato, caracterizado pelo crescimento desordenado e pelo aterramento do leito do Rio Piauí, em conjunto com a ausência de fiscalização e conservação dos açudes. Esses aspectos da formação da cidade colocam sérios riscos para o centro de São Raimundo Nonato em casos de novas inundações. O centro já é tomado por um clima de tensão durante pequenos alagamentos causados pela chuva.

A população e os gestores sabem que, se ocorrer uma nova enchente no Rio Piauí, boa parte do centro será destruída. Esse cenário é expresso a partir de uma profunda contradição: as pessoas, tanto nas comunidades, como na cidade, desejam ver o rio passando água novamente, mas temem por São Raimundo no dia em que isso acontecer. Nesse sentido, a leitura que os moradores das comunidades Caldeirão, Fechadão e Lagoa Dantas fazem, a partir da memória e das previsões, sobre as consequências da invasão do leito do rio pelas construções e do descaso com os açudes públicos, indicam que as mudanças na natureza possuem uma ciclicidade que está sendo desestabilizada pela crise climática. É nesse contexto que eventos tão importantes quando as enchentes podem ser tornar ameaçadores.

Assim, a análise das enchentes do Rio Piauí evidencia a necessidade de repensar o modo como os rios intermitentes são representados, para considerar as variações pelas quais suas águas passam ao longo do ano, e não apenas o período em que eles secam. As enchentes desses cursos fluviais estão entrelaçadas a processos históricos, como a formação das cidades, as inundações e as socialidades, que são silenciados quando os corpos d'água intermitentes são abordados apenas como rios que secam. Além disso, é importante criar legislações específicas para os cursos d'água intermitentes e de um monitoramento local para entender melhor os impactos dos aterros e das mudanças climáticas.

REFERÊNCIAS

Fontes documentais

ARRAIS, Lucrécio. Posto de gasolina próximo ao Rio Piauí gera polêmica em São Raimundo Nonato. *Jornal O Meio Norte*. Teresina, 10 de janeiro de 2019. Disponível em: <https://www.meionorte.com/noticias/posto-de-gasolina-proximo-ao-rio-piaui-gera-polemica-em-sao-raimundo-nonato-352172>. Acesso em: 27 out. 2025.

BRASIL. Presidência da República. Casa civil. Subchefia para assuntos jurídicos. Lei n.º 12.651. 25 de maio de 2012.

DIÁRIO DO PIAUHY: ÓRGÃO OFFICIAL DOS PODERES DO ESTADO. *Correspondência*. Teresina, n. 11, 8 de março de 1911, p. 1.

DIÁRIO DO PIAUHY: ÓRGÃO OFFICIAL DOS PODERES DO ESTADO. *Decreto n. 468*. Teresina, n. 2, 25 de fevereiro de 1911, p. 3.

FERREIRA, Jurandyr Pires. *Enciclopédia dos municípios brasileiros*. Rio de Janeiro: IBGE, 1959. (vol. 5). Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?id=227295&view=detalhes>. Acesso em: 27 out. 2025.

HISTÓRIAS DE SRN. Enchente de 2004. Instagram, 5 ago. 2023. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Cvj-dTfAT6M>. Acesso em: 27 out. 2025.

LIMA, Pedro. Governo do Piauí decreta estado de calamidade pública em Picos após fortes chuvas. *Governo do Piauí*, Piauí, 17 jan. 2025, Defesa Civil.

MONIZE, Paula. Com fortes chuvas em Picos, exército e bombeiros auxiliam famílias atingidas por enchentes. *Cidade Verde*, 14 de janeiro de 2025. Disponível em: <https://cidadeverde.com/noticias/427981/com-fortes-chuvas-em-picos-exercito-e-bombeiros-auxiliam-familias-atingidas-por-enchentes>. Acesso em: 27 out. 2025.

O PORTAL DE SÃO RAIMUNDO NONATO E REGIÃO. Sec. do Meio Ambiente emite nota sobre construção de Posto de Gasolina no centro de São Raimundo Nonato. *São Raimundo Nonato*, 8 de janeiro de 2019. Disponível em: <https://www.saoraimundo.com/sec-de-meio-ambiente-emite-nota-sobre-construcao-de-posto-de-gasolina-no-centro-de-sao-raimundo-nonato/>. Acesso em: 27 out. 2025.

PIAUÍ. Ofício solicitando a construção de uma estrada de São Raimundo à Oeiras. Paço da Câmara Municipal. Arquivo Público. Série: Municípios/subsérie: São Raimundo Nonato. Câmara Municipal. 1 de maio de 1861.

PIAUÍ. Ofício da Comissão encarregada da construção do açude público informando sobre a rescisão do contrato do terreno. Paço da Câmara Municipal. Arquivo Público. Série: Municípios/ subsérie: São Raimundo Nonato. Câmara Municipal. 8 de julho de 1886.

PIAUÍ. Abaixo assinado dos membros da Comissão sobre terreno escolhido para a construção do açude na Villa de São Raimundo Nonato. Paço da Câmara Municipal. Arquivo Público. Série: Municípios/ subsérie: São Raimundo Nonato. Câmara Municipal. 5 de maio de 1887.

PIAUÍ. Resposta da Coletoria à Comissão encarregada da construção do açude público. Coletoria da Villa de São Raimundo Nonato. Arquivo Público. Série: Municípios/ subsérie: São Raimundo Nonato. Câmara Municipal. 5 de outubro de 1887.

PIAUÍ. Resposta à Comissão encarregada da Construção do Açude Público. Contadoria do Tesouro Provincial. Ofício de n.º 91. Arquivo Público. Série: Municípios/ subsérie: São Raimundo Nonato. Câmara Municipal. 21 de dezembro de 1887.

PIAUÍ. Informações sobre o município de São Raimundo Nonato. Paço da Câmara Municipal. Arquivo Público do Piauí. Série: Municípios/subsérie: São Raimundo Nonato. Caixa 642. 10 de janeiro de 1884.

PIAUÍ. Comissão Encarregada da Construção da Açude Público informa a conclusão do mesmo. Paço da Câmara Municipal. Arquivo Público. Série: Municípios/ subsérie: São Raimundo Nonato. Câmara Municipal. 30 de junho de 1888.

RELATÓRIOS DO MINISTÉRIO DE VIAÇÃO E OBRAS PÚBLICAS (RJ) – 1910 a 1927. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1912-1913.

SÃO RAIMUNDO NONATO (PI). Plano Diretor participativo do município de São Raimundo Nonato/PI. *Diário Oficial dos Municípios*. Ano XVI, Teresina (PI), segunda-feira, 23 de abril de 2018, p. 237-264.

SOUZA, J. Ayres. *Açudes publicos e particulares (Piauí e Ceará)*. Ministerio da Viação e Obras Publicas, Inspetoria de Obras Contra as Secas. Publicação n. 22, série II – Memórias de Açudagem, 1912.

Bibliografia

BIEGING, Patrícia. Blumenau e as memórias de Mária: as enchentes da década de 1980 a partir de experiências de vida. *Psicologia em Revista*, Belo Horizonte, v. 23, n. 1, p. 220-236, jan. 2017.

BLYTON, G. (2014). Capricious waters: A one hundred year history of the Todd River floods and impacts on the population of Alice Springs (1888-1988). *Northern Territory Historical Studies*, (25), 150–169.

CAMPOS, José Nilson B. Secas e políticas públicas no semiárido: ideias, pensadores e períodos. *Estudos Avançados*, 28 (82), 2014.

CASTRO, Tainara Santana de. *Seca e inverno no sertão piauiense: a vivência no semiárido nordestino e os conhecimentos tradicionais sobre as previsões do tempo*. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Antropologia), Petrolina: Universidade Federal do Vale do São Francisco, 2022.

ESPÍNDOLA, Marcos Aurélio; NODARI, Eunice Sueli. Desastres surpreendentes, enchentes rotineiras: vulnerabilidade e políticas públicas em Rio do Sul (SC) In: NODARI, Eunice Sueli; ESPÍNDOLA, Marcos Aurélio; LOPES, Ricardo da Silva (orgs). *Desastres socioambientais em Santa Catarina*. São Leopoldo: Oikos, 2015, p. 68-94.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Editora revista dos tribunais LTDA, 1990, p. 53-85.

KOENE, Rafael. *Análise do processo de inundação da cidade de Rio Negro/PR*. Dissertação (Mestrado em Gestão do Território), Ponta Grossa: Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2013, p. 130.

LEAL, Natacha Simeí; NEGREIROS, Luiz Alex Guerra; MIRANDA; Raíssa Barberino; CAFÉ, Fernanda. Criação, água e parentesco. Trajetórias e genealogias da família Negreiros no povoado Lagoa de Fora, São Raimundo Nonato – PI. *Cadernos de Campo* (São Paulo - 1991). v. 32, n. 2, p. 1-16, 2023.

LEIGH, Catherine; BOULTON, Andrew J.; COURTWRIGHT, Jannifer L.; FRITZ, Ken; MAY, Christine; WALKER, Richard H.; DATRY, Thibault. Ecological research and management of intermittent rivers: an historical review and future directions. *Freshwater Biology*, vol. 6, issue 8, 2016, p. 1181-1199.

MAIA, Andrea Casa Nova; SEDREZ, Lise. Narrativas de um dilúvio Carioca: memória e natureza na grande enchente de 1966. *História Oral*, v. 2, n. 14, p. 221-254, jul-dez. 2011.

MOLLE, François. *Marcos Históricos e reflexões sobre a açudagem e seu aproveitamento*. Recife: SUDENE, DPG, PRN, HME, 1994.

O'GORMAN, Emily. Flood Country. *Floods in the Murray and Darling river systems, 1850 to the present*. R. G Menezies Library: The Australian National University, 2009.

OLIVEIRA, Darlin Milene Sousa. “É o Rio Piauí, mas é rio seco”: as variações do Rio Piauí nas comunidades Lagoa Dantas, Fechadão e Caldeirão, São Raimundo Nonato, Piauí. Dissertação (mestrado). Universidade Federal de Minas Gerais, 2024. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1843/69458>. Acesso em: 27 out. 2025.

RICOEUR, Paul. *Tempo e Narrativa* (Tomo I). Tradução: Constança Marcondes Cesar. Campinas: Papirus, 1994.

SILVA, Roberto Marinho Alves da. *Entre o combate à seca e a convivência com o semiárido: transições paradigmáticas e sustentabilidade do desenvolvimento*. 2006. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Sustentável), Brasília, CDS/UnB, 2006.

SCHENK, Gerrit J. *Historical Disaster Experiences: Towards a Comparative and Transcultural History of Disasters Across Asia and Europe*. Springer International Publishing, 2017.

TVEDT, Terje. *Water and Society: changing perceptions of social and historical development*. Londres: I. B. Tauris, 2021.

VIANA, Nyanne Magna Ribeiro. *Traquejos e labutas: trabalhadores escravizados no sertão do Piauí (São Raimundo Nonato, segunda metade século XIX)*. Dissertação (Mestrado em História), Feira de Santana: Universidade Estadual de Feira de Santana, 2018.